

Belinda Mandelbaum

Trabalhos com famílias em psicologia social

2ª edição revista e ampliada

Blucher

TRABALHOS
COM FAMÍLIAS
EM PSICOLOGIA
SOCIAL

Belinda Mandelbaum

2ª edição revista e ampliada

Trabalhos com famílias em Psicologia Social

© 2023 Belinda Mandelbaum

1ª edição – Casa do Psicólogo, 2014

2ª edição – Blucher, 2023

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Eduardo Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Thaís Pereira

Preparação de texto Fabiane Zorn

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Laércio Flenic

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mandelbaum, Belinda

Trabalhos com famílias em psicologia social / Belinda Mandelbaum. – 2. ed. – São Paulo : Blucher, 2023.

206 p.

ISBN 978-65-5506-602-9

1. Psicologia social 2. Desemprego 3. Educação infantil 4. Violência familiar I. Título

23-3532

CDD 302.01

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia social

Conteúdo

Prefácio	
Da lentilha e das aftas: uma viagem pela imaginação familiar	9
<i>Sylvia Leser de Mello</i>	
Apresentação	17
1. Sobre o campo da Psicologia Social	19
2. Em busca de um encontro: o método hermenêutico na pesquisa em Psicologia Social	59
3. Entre o outro e o mesmo: sobre ética e violência nas relações	75
4. Algumas letras sobre família, lentilhas e aftas	87
5. O espaço familiar e sua ruptura: entre a memória e o sonho	101

6. O desemprego em situação: um estudo psicossocial	115
7. Sobre Kaspar Hauser, Édipo e Abraão: famílias de origem	137
8. De duas cartas de Kafka à sua irmã Elli sobre a educação de crianças	147
9. A família de Kafka ou da educação de crianças no interior de um organismo animal <i>Enrique Mandelbaum e Belinda Mandelbaum</i>	155
10. De pai para filho: transmissão, permanência e mudança em “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa	163
11. Na lavoura arcaica	179
12. Os processos de socialização e a família no trabalho de Sylvia Leser de Mello	193

1. Sobre o campo da Psicologia Social¹

Na atualidade, o campo da Psicologia Social constitui-se num instigante território problematizador dos modelos e métodos das ciências humanas. Não proponho que um ou outro método, um ou outro modelo se mostre, a partir dessa problematização, mais eficaz na configuração desse campo, nem se trata de ir em direção a um modelo ou método mais privilegiado. O que quero salientar é que, na contemporaneidade, o encontro do psicológico e do social é um território fértil que se constitui em algo como um laboratório para a produção em ciências humanas. Talvez eu não peque por exagero se disser que, nos séculos XX e XXI, o social foi seguindo cada vez mais rumo ao psicológico.

Benjamin (1940/1971), em suas *Teses de Filosofia da História*, abre esse poderoso texto construindo uma enigmática imagem a respeito de uma imbatível máquina para ganhar no jogo de xadrez:

¹ Este texto foi escrito como introdução à minha tese de livre-docência em Psicologia Social, defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em dezembro de 2010. Originalmente publicado na revista *Psicologia USP*, 23(1), 2012.

Como é sabido, diz-se que existia um autômato construído de tal forma que era capaz de responder a cada movimento de um jogador de xadrez com outro movimento que lhe assegurava o trunfo na partida. Um boneco vestido de turco, com a piteira de narguilé na boca, estava sentado diante do tabuleiro pousado sobre uma ampla mesa. Um sistema de espelhos produzia a ilusão de que essa mesa era, em todos os sentidos, transparente. Na realidade, encontrava-se lá dentro um anão corcunda, que era mestre no xadrez e mexia a mão do boneco mediante o uso de fios. Pode imaginar-se um equivalente de tal mecanismo na Filosofia. Deve vencer sempre o boneco chamado “Materialismo Histórico”. Pode competir sem mais com qualquer um, quando coloca a seu serviço a Teologia, que hoje, como é notório, é pequena e desagradável e não deve deixar-se ver por ninguém. (p. 77, tradução da autora)

A estranha imagem construída por Benjamin no início dos anos 1940 parece servir para mapear o estado de coisas no embate teórico-filosófico no campo da Filosofia da História, nessa época. Nessa imagem, o Materialismo Histórico é capaz de ganhar os torneios teóricos graças tanto à intervenção de um complexo mecanismo especular – produtor de uma ilusão – quanto ao auxílio de um habilidoso e atípico parceiro de jogo. Através da máquina especular, o que o boneco vestido à turca aspira pela piteira de narguilé são as velhas especulações teológicas potencializando o impacto de suas manobras para vencer o jogo. A potência do Materialismo Histórico no torneio intelectual lhe seria emprestada pela Teologia, ainda que, na inquietante imagem mostrada por Benjamin, o Materialismo seja o condutor das jogadas.

Talvez o que Benjamin não tenha levado em consideração é que esse anão corcunda pode ser bem mais astucioso, maquinando não apenas a jogada do parceiro materialista histórico, mas também – quem sabe? – a de seu eventual adversário. Essa tese parece legítima no contexto em que Benjamin escreveu seu texto, porque o adversário, na época, era o Nacional-Socialismo alemão. E, talvez, o sucesso deste como fenômeno de massas também tenha advindo de alguns movimentos ilusórios deslocados desde o campo teológico, ou seja, a mesma máquina e o mesmo anão corcunda – a Teologia – que ampliam a potência do jogador materialista histórico teriam ampliado a potência do adversário, que, no caso, ganhou a partida e, naquele momento, transformou a História no desastre nazista.

Mas não é propriamente esse o assunto que me fez trazer à cena a imagem com que Benjamin abre suas *Teses de Filosofia da História* e que, por si só, constitui-se numa tese. A asserção de Benjamin implica uma estranha composição de modelos na qual o Materialismo Histórico pode servir de “boneco”, por assim dizer, da ventríloqua Teologia, isto é, da concepção em princípio mais antagônica a si próprio. É bom lembrar que essa imagem não é construída por qualquer pensador, mas por um polêmico do idealismo irracional da Filosofia e também dos aspectos reducionistas e mecanicistas do Materialismo Histórico. Mas é que Benjamin, como bem mostra nessas teses, pensa sempre na História quando pensa os modelos teóricos. E, tal como ele desenvolve nas teses que se seguem a esta, as ruínas do passado – das quais fazem parte todas as concepções já elaboradas sobre o ser humano – nunca silenciam propriamente, podendo vir a ressurgir em voz transfigurada, como a Teologia através do Materialismo Histórico, em que as expectativas revolucionárias deste são alimentadas pela velha potência histórica das expectativas redentoras da Teologia. Talvez o elemento central da imagem criada por Benjamin não seja nem

o boneco vestido à turca, nem o anão corcunda, mas o sistema de espelhos produtor da ilusão de uma mesa “em todos os sentidos transparente”, que vincula tempos do pensamento distanciados entre si.

No campo da Psicologia Social, o embate dá-se essencialmente no modo como se entende o hífen pressuposto na integração entre o psicológico e o social, ao qual esse campo de estudos parece sempre fazer referência. É a natureza desse hífen que parece estar constantemente no horizonte dos estudos da Psicologia Social. Costuma-se alocar esse hífen numa linha horizontal virtual que separa o indivíduo do coletivo e, em ressonância ideacional, o psicológico do social. Assim, o psicológico estaria em ressonância com o individual, o social em ressonância com o coletivo, e o hífen entre ambos. Claro que já se aprendeu que o indivíduo é uma construção do coletivo e que, portanto, o psicológico é um produto do social. Mas aprendeu-se também que o indivíduo anseia pelo coletivo, o valoriza e se apegava a ele com a mesma intensidade, tendo como base a mesma raiz a partir da qual se desdobra em sujeito. Nesse sentido, o social seria um desdobramento da demanda psicológica humana. Ou seja, aprendeu-se que, entre o psicológico e o social, o hífen domina. Um produz o outro, assim como na fita de Moebius verso e reverso realizam-se transitoriamente, num contínuo infinito.

O hífen serve não apenas para indicar a existência de um conectivo entre o elemento psicológico e o elemento social, mas também para deixar surgir a própria essência relacional que é inerente a cada um dos elementos, para que estes possam existir como tais. O hífen é a natureza do psicológico e do social. Foi a história das realizações no campo das ciências humanas – e até das ciências em geral – que levou a esse estado de coisas, no qual o hífen se instaura para juntar campos aparentemente separados – o psicológico e o social. Não é o caso, agora, de mostrar como os principais modelos

de compreensão do ser humano e suas produções operaram no intuito de sinalizar o fortalecimento da essência relacional que define o psicológico e o social, mas, sem dúvida, é preciso pôr em destaque as contribuições de Freud. Isso porque, embora suas construções teóricas não tenham salientado a importância do hífen (ainda que não possamos esquecer a célebre frase com que, em 1921, ele abre *Psicologia de grupo e a análise do ego*: “Não há Psicologia que não seja Psicologia Social”) (Freud, 1920-1921/1976, p. 91), sem dúvida seu modelo mais geral de entendimento do humano teve enorme impacto sobre toda a produção de conhecimento nos séculos XX e XXI, às vezes de forma invisível, como o anão na partida de xadrez descrita por Benjamin.

Ao criar e mobilizar o que se pode denominar de *metáfora psicanalítica*, isto é, o modo extremamente poderoso e singular de estudar e, ao mesmo tempo, dinamizar os fenômenos psicológicos, Freud soube suscitar uma abordagem que, por suas implicações na história das ciências humanas, a torna, a meu ver, uma legítima representante a ser entendida, no campo da Psicologia Social, em analogia ao anão corcunda da Teologia na imagem de Benjamin. Pode ser que a Psicanálise mobilize os fios para os lances do jogo no interior desse campo. É claro que a Psicanálise não é sucedânea da Teologia, se bem que, por sua potência articuladora, resquícios poderosos da Teologia também possam ser atualizados nesse discurso. Mas o que desejo salientar é a ação da linguagem psicanalítica no interior do campo da Psicologia Social.

Freud soube dar ao psicológico um estatuto completamente original, permitindo a nomeação de relações e encadeamentos que ampliam nossa compreensão do modo como os seres humanos se constroem. Um exemplo que pode servir para ilustrar o que estou sugerindo a respeito do profundo impacto causado por Freud pode ser extraído de seu ensaio *O mal-estar na civilização*, de 1930. Embora as ideias centrais elaboradas por ele nesse texto possam

parecer esboços teóricos não muito bem-sucedidos, se levarmos em consideração os desenvolvimentos na Antropologia, na Etnografia, na História, na Psicologia e até na própria Psicanálise, sua abordagem mais geral e o modelo a partir do qual ele concebe o ser humano e seu entorno ganham uma legitimidade poderosa ao imbricar de forma indissociável o psicológico e o social, o indivíduo e o coletivo, chegando à imbricação da filogênese e da ontogênese.

Assim, em sua investigação sobre as razões pelas quais “é tão difícil, para o homem, ser feliz” (1930/1976, p. 105), Freud indica três fontes “de que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (1930/1976, p. 105). Pode-se nem levar em consideração toda a argumentação que Freud desenvolve a seguir. O importante é que ele entrelaça natureza, sujeito e cultura de forma indissociável para compreender um estado de coisas. E, do modo como a opera, a velha distinção entre sujeito e objeto nos modelos causais ganha, através de sua compreensão, uma superação significativa, pois o que seria do campo da cultura e do social – os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade – são, de algum modo, configurações resultantes também da ação da natureza no corpo, uma vez que as produções sociopolítico-culturais também têm uma raiz funda, através da qual flui uma vitalidade pulsional, uma das forças responsáveis pela conflituosa dinâmica inerente à produção da história econômica, política, social e cultural. E isso sem mitigar propriamente a autonomia do campo social, que, através do processo histórico que suscita, demanda no corpo a mesma imperiosidade, isto é, estabelece os mesmos limites e possibilidades determinantes para seu existir, atuando sobre ele com a mesma imperiosidade da natureza, a ponto de talvez ser possível nomear o cultural como uma segunda natureza do corpo, isto é, do ser

humano. A imperiosidade que o social suscita tem a mesma colocação de urgência que a fome.² E o corpo não é apenas um objeto dessas duas forças imperiosas – natureza e cultura –, mas um agente determinante entre a natureza e a civilização, porque cabe ao ser humano, para se tornar sujeito, apropriar-se, mesmo em seus estreitos limites, da condição de ser responsável diante da natureza e do social e, portanto, o principal agente de sua realização histórica.

A potência com que Freud soube integrar o psicológico e o social teve impacto sobre todo o campo das ciências humanas, contribuindo para tornar a Psicologia Social, ao meu ver, algo semelhante a um campo gravitacional para o qual aquelas foram atraídas. Benjamin supõe um jogo de xadrez no campo da Filosofia da História, e devemos ter em mente que não se trata apenas de um embate de ideias: como bom marxista, ele sabe que é um embate no campo da vida dos seres humanos e de seus destinos, implicando, para além do cultural, o político, o econômico e o social – isto é, implicando o poder. Talvez seja o mesmo embate que se trava hoje. Mas, ao meu ver, há um novo anão corcunda atuando nos destinos desses lances: o da Psicologia. Não só a máquina que Benjamin monta no campo das ideias funciona em ressonância com a máquina especular que Freud (1900/1976) concebeu na construção de seu modelo de aparelho psíquico, no célebre capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*,³ como haveria também, na dinâmica pró-

2 Vale aqui lembrar as reflexões de Marcuse (1964/1979) sobre a potência que a cultura tem para a criação de necessidades, a ponto de ele indagar-se, referindo-se especificamente à sociedade industrial de meados do século XX, se haveria ainda alguma necessidade humana genuína, que não fosse construída pela cultura.

3 Lembremos que Freud utilizou um modelo óptico, isto é, um modelo especular para descrever sua concepção sobre o funcionamento do aparelho psíquico, levando em consideração seus achados sobre a produção onírica. Esse modelo devia dar conta de seus quatro achados essenciais em relação aos sonhos: 1) o sonho é um ato psíquico importante e completo; 2) o que o mobiliza é sempre

pria do campo das ideias, algo assim como um inconsciente, de onde velhos segmentos ideacionais atuariam no desdobramento das concepções atuais, numa complexa luta interna em que o novo é sempre uma reorganização das demandas de todas as aspirações humanas construídas ao longo da História.

Ao instalar sua máquina especular, que opera em analogia com o modelo psíquico de Freud da primeira tópica, no campo das ideias, podemos dizer que, num certo sentido, Benjamin psicologiza a história do espírito, ao permitir entender o campo da história intelectual em analogia ao campo do desenvolvimento psíquico, isto é, tanto lá quanto aqui a razão sofre de transtornos. Também no campo da razão o irracional pode irromper, como Adorno bem salienta em seus trabalhos. Esse modo de entender as produções sociais e a própria ideologia já é resultado da força do hífen psicossocial no pensamento contemporâneo. Toda a Escola de Frankfurt trabalhou assim.

Claro que não se trata de reduzir toda a complexidade do campo da Psicologia Social a uma concepção psicanalítica. A aplicação da Psicanálise enquanto um agregado de teorias construídas ao longo da história dessa disciplina sobre determinado contexto a ser estudado reduz em muito o alcance do que ela teria a oferecer ao estudo do fenômeno. Com isso, quero dizer que a aplicação da Psicanálise como um conjunto teórico preestabelecido sobre qualquer campo de investigações é um exercício limitado e em nada próximo do exercício psicanalítico propriamente dito. Não se trata, portanto, de aplicar uma teoria psicanalítica no interior do

a realização de um desejo; 3) a forma como se apresenta torna impossível reconhecer esse desejo, dada a deformação promovida pela ação de uma censura psíquica; e 4) além da ação da censura, colabora para a formação do sonho a condensação e a representação através de imagens e, por vezes, também o cuidado de que o sonho apresente um aspecto racional e inteligente.

campo da Psicologia Social. Para o modelo e o método psicanalítico serem mais eficazes, a Psicanálise deve se desvestir de sua teoria a ponto de silenciá-la, porque só no silêncio dela o fenômeno apreendido da Psicologia Social vai surgir com sua especificidade. É própria da Psicanálise essa espécie de flexibilidade singular de poder ser, ao mesmo tempo, plena e transparente para a apreensão dos fenômenos estudados. O próprio da construção de conhecimentos nesse campo é a constituição de um processo de observação e intervenção cujos desdobramentos são seriamente levados em consideração através de uma reflexão intensa a respeito desses fenômenos, num diálogo com o conjunto de teorias que sustenta e referencia a intervenção psicanalítica, mas outorga ao fenômeno observado o lugar privilegiado, nunca podendo este ser deslocado ou eclipsado por qualquer concepção teórica tomada *a priori*.

As teorias costumam ser muito ruidosas. Uma Psicanálise mal aplicada também. Ao meu ver, essa propriedade da Psicanálise, tal como apresentada aqui – vendo-se impossibilitada de agir com toda a sua potencialidade se reduzida a uma série de construtos teóricos a serem aplicados sobre um fenômeno –, é a mais rica contribuição que esse campo de investigações tem a oferecer para a criação de conhecimentos na universidade. Isso porque a Psicanálise, assim compreendida, demanda uma intervenção no real, uma prática obrigatória que possibilite uma estruturação do campo de investigação não dada *a priori*, suficientemente capaz de deixar emergir o conhecimento psicanalítico.

As teorias, quando aplicadas no campo da Psicologia Social, costumam traduzir-se em ideologias com muita facilidade e operar sobre o fenômeno no sentido de instrumentalizá-lo, seja através de sua definição, seja por meio de uma ação prática. Se Benjamin estiver certo, isto é, se no embate visível existir uma enorme sobredeterminação de aspectos do invisível que operam de maneira irracional, com a capacidade de produzir fenômenos

tão perturbadores quanto os violentos totalitarismos que assolaram o século XX, a Psicanálise enquanto modelo e método pode ajudar a indicar a presença desse invisível nos fenômenos sociais estudados, ampliando o conhecimento sobre eles. Obviamente, a produção humana ainda é essencialmente histórica, e compreender o modo como se entende a História é fundamental. Por isso, os lances mais imperiosos nas ciências humanas ainda se dão na Filosofia da História, por ser o campo no qual se significa a História.

Entretanto, o modo como têm se dado o conflito e a produção ideológica nos dias de hoje pauta-se pela utilização e pela tentativa de impactar prioritariamente muito mais os aspectos psicológicos do que propriamente despertar e mobilizar as consciências históricas dos sujeitos envolvidos. A própria fragilidade da política compreendida como jogo ideológico pelo poder, ou seja, a despoliticização da política, empurrou o embate do poder para o campo da Psicologia Social. Basta, como exemplo para o que estou querendo ressaltar, o modo como se dão as campanhas eleitorais. Não é o discurso político que as rege, que sequer as organiza, mas o aprimoramento de um discurso e de uma imagem que pretendem implicar cada eleitor, levando em consideração sua psicologia, para falar em termos mais gerais e sinalizar o que estou querendo dizer.

Se privilegio a Psicanálise como modelo e método, não o faço com o intuito de incrementar a psicologização do social. Ao contrário: se é certo que a Psicologia adentrou profundamente a Filosofia da História contemporânea, ou seja, os modos de se conceber a História, minha proposta é utilizar o modelo e o método psicanalítico para ajudar a localizar os fenômenos sociais estudados no interior da História, e não em determinado marco psicológico, uma vez que é exclusivamente a consciência histórica que permite a plena elucidação do fenômeno social. E, no que se trata de sujeitos, também neles a Psicologia Social adequada é aquela que os ajuda a se saber parte da História e tomar para si a possibilidade

de atuar nela. Por isso, a Psicanálise não é um fim, mas um instrumento hermenêutico que colabora para a elucidação dos diversos fenômenos abordados.

Se tudo o que vem sendo discorrido sobre a condição do hífen nos dias de hoje, isto é, seu entendimento e o modo como ele é operacionalizado,⁴ estiver correto, isso leva à conclusão de que a História envolve uma psicologia, que é também uma realização psicológica, assim como o corpo é uma realização histórica, sem nunca deixar de ser também uma realização da natureza. Nessa área, sempre se deve trabalhar de forma a garantir a multidimensionalidade do fenômeno.

Quando Freud localiza o hífen no natural, no corpo e no histórico, e os entrelaça de modo a familiarizá-los indissociavelmente, suscitando entre eles relações intercambiáveis dos lugares de cada um desses campos em relação aos outros, dependendo do

4 No momento histórico em que vivemos, o estudo que reconhece na técnica seu atributo identificatório mais perfeito é, antes de mais nada, aplicabilidade, isto é, o desenvolvimento de dispositivos e equipamentos para o aperfeiçoamento do social. Em princípio, na nossa realidade, claro que nada temos a opor a esse entendimento. E a Psicologia Social, sem dúvida, é uma poderosa ferramenta teórico-técnica para aprimorar a formação de profissionais que vão se envolver nos serviços sociais e nas políticas públicas. Mas, justamente por isso, o estudo pode correr o risco de reduzir-se a um elemento ideologicamente manipulável, e penso que a missão da universidade, nos dias que correm, seja dupla: de um lado, reconhecer sua raiz pública e trabalhar para o aperfeiçoamento da esfera pública; de outro, lutar pela autonomia necessária para o estudo crítico, isto é, para garantir uma produção capaz de fazer a crítica de toda e qualquer ideologia, o que nos dias de hoje quer dizer também de toda e qualquer política pública. Esse segundo aspecto também vai em direção ao aperfeiçoamento do público, pois a garantia do estudo crítico é parte da luta por um ser humano que não seja reduzido à mera inserção em determinada ideologia, tão própria dos fenômenos totalitários que assolaram tão violentamente o século XX e que hoje podem ganhar uma versão talvez aparentemente mais civilizada, mas não por isso menos violenta.

fenômeno que se estuda – porque é próprio do método e do modelo psicanalítico não estabelecer uma hierarquia fixa e rígida entre os campos da natureza, do corpo e da história para o entendimento dos fenômenos humanos –, isso nunca é feito reduzindo um ao outro ou todos a um campo exclusivo, do contrário não seriam natureza, corpo e história.

Freud nunca é unidimensional. Seu próprio modelo do aparelho psíquico, que é também o modelo psicanalítico, foi montado por ele justamente para dar conta da multiplicidade de determinações existentes na produção humana. Se o fenômeno do sonho é o modelo para a produção do aparelho psíquico, então, justamente por isso, esse modelo deve dar conta da sobredeterminação na produção do sonho, a partir de instâncias diferentes e que nunca se reduzem umas às outras, mas que trabalham no interior de uma mecânica de íntimo entrelaçamento – e não apenas isso. O modelo freudiano também deve dar conta da multidiversidade com que os fenômenos humanos se materializam na realidade. Deve garantir a especificidade do sonhar em relação ao pensar. Tudo isso levou Freud a propor um modelo em que, como ele diz nas *Conferências introdutórias sobre Psicanálise* (1916-1917/1976), “fomos obrigados a ampliar o conceito de ‘psíquico’ e reconhecer como ‘psíquico’ algo que não é consciente” (p. 376). Isso quer dizer que o psíquico é sobredeterminado também a partir de um “para além” da consciência. E, assim como o sonho, todos os fenômenos humanos são sobredeterminados a partir de uma multiplicidade dimensional, porque o inconsciente não é exclusivamente intrapsíquico, mas talvez a manifestação, de forma bruta, de todo o fazer humano ao longo da História. Freud (1930/1976) elevou ao estatuto de lei uma hipótese estranha e surpreendente, mas de profundo significado para o que estou querendo dizer: o que se viu nunca desaparece; o esquecimento nunca significa a completa eliminação do traço mnêmico.

Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com que nos achamos familiarizados significava a destruição do resíduo mnêmico – isto é, a sua aniquilação –, ficamos inclinados a assumir o ponto de vista oposto, ou seja, o de que, na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer – o de que tudo é, de alguma maneira, preservado e que, em circunstâncias apropriadas (quando, por exemplo, a regressão volta suficientemente atrás), pode ser trazido de novo à luz. (p. 87)

O inconsciente é o lugar da memória, e é o próprio Freud (1930/1976) quem, para ilustrar esse fenômeno da conservação em ação no âmbito psíquico, o aproxima de uma compreensão fantástica de uma Roma aqui apresentada literalmente na condição de uma cidade eterna.

Permitam-nos agora, num voo de imaginação, supor que Roma não é uma habitação humana, mas uma entidade psíquica, com um passado semelhantemente longo e abundante – isto é, uma entidade onde nada do que outrora surgiu desapareceu e onde todas as fases anteriores de desenvolvimento continuam a existir, paralelamente à última. Isso significaria que, em Roma, os palácios dos césores e as Septizonium de Sétimo Severo ainda se estariam erguendo em sua antiga altura sobre o Palatino e que o Castelo de Santo Ângelo ainda apresentaria em suas ameias as belas estátuas que o adornavam até a época do cerco pelos godos, e assim por diante. Mais do que isso: no lugar ocupado pelo Palazzo Caffarelli, mais uma vez se ergueria – sem que o Palazzo tivesse de ser removido – o Templo de Júpiter

Capitolino, não apenas em sua última forma, como os romanos do Império o viam, mas também na primitiva, quando apresentava formas etruscas e era ornamentado por antefixas de terracota. (p. 88)

Os etruscos constituem-se num aglomerado de povos que se instalaram na Península Itálica há mais de 3 mil anos. A cidade eterna que Freud supõe condensa toda a história humana numa imagem arquitetônica em que nada é ruína, no sentido de perder sua vitalidade sùgnica. Tudo o que foi ainda está vivo e demanda na cidade eterna construída por Freud. A cidade eterna é o hífen, a origem das variadas manifestações humanas em todos os campos de seu fazer. E, por isso, todas as realizações humanas, o desenvolvimento de cada um e uma – o que também é realização humana –, a produção científica, a técnica, as ciências humanas, a literatura, a poesia e as demais artes são elaborações sobredeterminadas dessa gigantesca e condensada memória viva, que em seu pulsar constitui a própria História, terreno no qual se enraízam todas as construções humanas. E, se digo que se enraízam, é num sentido de mão dupla: toda construção é mais uma implantação, é mais uma edificação na cidade eterna. E, de outro lado, toda edificação é uma construção erguida a partir dos elementos e da vitalidade colocada à disposição pelo estado de coisas na cidade eterna. O novo não supera o velho. Entre o velho e o novo, a dinâmica é mais de estrutura. A História não é diacrônica.

Benjamin (1940/1971), nas suas *Teses de Filosofia da História*, também construiu uma imagem que, de algum modo, me permite aprofundar minha compreensão da História, trabalhando em ressonância com a imagem da cidade eterna montada por Freud. Diz assim a sua tese de número IX:

*Minha asa está pronta para o voo,
 Voo voluntariamente para trás,
 Porque se eu me detivesse algum tempo para viver,
 Teria pouca ventura.*

Gershon Scholem, Saudações de Angelus

Existe um quadro de Klee que se intitula Angelus Novus. Vê-se nele um anjo, ao que parece, no momento de distanciar-se de algo sobre o qual fixa o seu olhar. Tem os olhos arregalados, a boca aberta e as asas estendidas. O anjo da História deve ter esse aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Naquilo que para nós se mostra como uma sucessão de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula sem cessar ruína sobre ruína, a depositar-se sob os seus pés. O anjo gostaria de deter-se, despertar os mortos e recompor o despedaçado. Mas uma tormenta desce do Paraíso e provoca um redemoinho em suas asas, e é tão forte que o anjo não pode firmá-las. Essa tempestade o arrasta irresistivelmente para o futuro, ao qual dá as costas, enquanto o acúmulo de ruínas sobe diante dele, em direção ao céu. Tal tempestade é o que chamamos progresso. (p. 82, tradução da autora)⁵

5 Na apresentação do livro *Pensamento cruel – humanidades e ciências humanas: há lugar para a Psicologia?*, Maria Helena S. Patto e João A. Frayze-Pereira (2007), seus organizadores, também trabalharam com essa imagem para pensar a prática da Psicologia. E eles agregam à imagem erguida por Benjamin mais uma obra de Klee, *O saltimbanco*, para salientar o difícil equilíbrio da prática do psicólogo em sua ação crítica a fim de possibilitar uma leitura transformadora.

“Trabalhos com famílias em Psicologia Social é mais do que uma coletânea de artigos precisos e rigorosos a respeito da instituição familiar, suas ambivalências e suas dinâmicas que se desdobram entre a violência disciplinar e o espaço de acolhimento. Ele é o resultado de uma reflexão de larga escala sobre o impacto da psicanálise na análise de fenômenos ligados aos processos de reprodução material dos nossos núcleos de socialização.”

Vladimir Safatle

Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia

“Uma série inesperada de temas é re-lida pela chave da família: instituições e produções culturais como a mitologia, a filosofia e a literatura, eventos econômicos como o desemprego e seu impacto nos sujeitos, fenômenos psicossomáticos que respondem com uma precisão insuspeitada aos silêncios e mitos familiares.”

Nelson da Silva Jr.

Revista Brasileira de Psicanálise

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-602-9

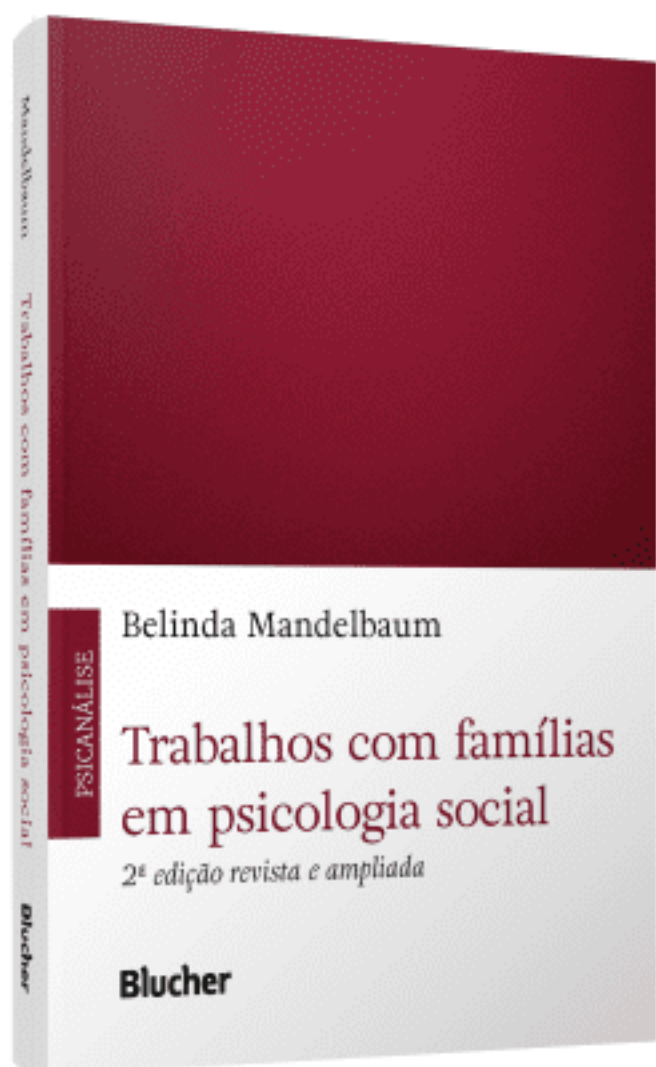


9 786555 106602 9



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Trabalhos com famílias em psicologia social

Belinda Mandelbaum

ISBN: 9786555066029

Páginas: 206

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
